

Sucesso era seu desejo... da Jovem Guarda ao sertanejo: Sérgio Reis e a cultura midiática da música sertaneja

Aparecido Donizeti Rodrigues (Zé Renato)¹

Bárbara Heller²

Heloísa Duarte Valente³

1 Doutorando em Comunicação e Cultura Midiática pela UNIP - (Universidade Paulista), Mestre em Comunicação e Cultura Midiática pela UNIP - (Universidade Paulista), Pós-Graduado em Jornalismo Cultural pela FIAM-FAAM - (Centro Universitário), e graduado em Comunicação Social – área de Jornalismo pela UNIP - (Universidade Paulista). Cantor, compositor, multi-instrumentista, comediante e pesquisador da cultura musical sertaneja.

2 Docente do PPGCOM-UNIP. Possui pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (2011) e pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2015). É doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP e graduada em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Lidera o Grupo de Pesquisa “Narrativas da Memória: Representações, Identidades e Culturas”.

3 Docente do PPGCOM-UNIP. Possui pós-doutorado pelo Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2003), é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris.

Resumo

A música sertaneja teve sua primeira gravação na década de 1920, embora a formação da primeira dupla remonte a 1910, com a Turma Caipira de Cornélio Pires. A consolidação da indústria fonográfica nas décadas de 1960 e 1970 transformou a música caipira em um produto cultural de massa. Esta pesquisa, vinculada a uma tese de doutorado em desenvolvimento, investiga os fatores que motivaram a transição de Sérgio Reis da Jovem Guarda para o gênero sertanejo. O estudo fundamenta-se na análise de materiais fonográficos, bibliográficos e audiovisuais, com ênfase na canção “*O Menino da Porteira*” (1973), marco de sua mudança artística. A obra, posteriormente adaptada para o cinema, evidencia a influência da indústria cultural na redefinição de sua carreira musical. Entretanto, essa relação mantém-se constantemente atrelada à memória da cultura musical do homem do sertão.

Palavras-chave: Música sertaneja; Indústria cultural; Sérgio Reis; Memória sertaneja; *O Menino da Porteira* (filme).

Abstract

Country music was first recorded in the 1920s, although the first duo formed dates back to 1910, with Turma Caipira de Cornélio Pires. The consolidation of the recording industry in the 1960s and 1970s transformed country music into a mass cultural product. This research, linked to a doctoral thesis in progress, investigates the factors that motivated Sérgio Reis' transition from Jovem Guarda to the country music genre. The study is based on the analysis of phonographic, bibliographic and audiovisual materials, with an emphasis on the song “*O Menino da Porteira*” (1973), a landmark of his artistic change. The work, later adapted for the cinema, highlights the influence of the cultural industry in the redefinition of his musical career. However, this relationship remains constantly linked to the memory of the musical culture of the man of the backlands.

Key-words: Country music; Cultural industry; Sérgio Reis; Country memory; *The Boy from the Gate* (film).

Introdução

O gênero musical sertanejo, hoje consolidado como uma das principais expressões da música popular brasileira, tem raízes históricas que remontam ao início do século XX. Embora a primeira gravação de uma música sertaneja tenha ocorrido na década de 1920, precisamente em 1929, pela dupla Mariano e Caçula, a gênese desse gênero está associada à atuação da Turma Caipira de Cornélio Pires, que se apresentou, em 1910, em um evento no então Colégio Mackenzie, atualmente Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi da Turma Caipira que surgiu a primeira dupla sertaneja no Brasil, e que gravou a primeira música sertaneja. Este episódio é amplamente mencionado em pesquisas sobre a formação do sertanejo como manifestação cultural (Macerani, 2012), e reafirmado por Antunes (2012, p. 18), ao destacar os marcos da transição do caipira ao sertanejo.

Ao longo das décadas seguintes, a música sertaneja passou por transformações significativas, moldadas pelas dinâmicas da indústria fonográfica. Conforme observa Eduardo Vicente (2002, p. 52), a partir da segunda metade da década de 1960, houve um fortalecimento expressivo da indústria cultural, refletido diretamente no consumo e na difusão de gêneros musicais populares. Nesse contexto, este estudo parte da hipótese de que, diante da ascensão do mercado fonográfico, o cantor Sérgio Reis migrou do iê-iê-iê da Jovem Guarda para o sertanejo, em 1973, com a gravação de “*O Menino da Porteira*”, canção que não apenas marcou sua carreira, como também foi levada ao cinema, em 1976, consolidando a nova fase de sua trajetória artística no campo da música sertaneja na busca do sucesso. Porém, vamos mostrar algumas memórias da cultura musical que nasceu no sertão. Que no linguajar do homem simples do campo era chamada “moda caipira”.



Figura 1 – Foto do livro ‘A História da Turma Caipira’
Fontes: Arquivo particular do autor

Desde 1929, quando foi realizada a primeira gravação em disco do gênero musical sertanejo, até a migração do cantor Sérgio Reis da Jovem Guarda para o sertanejo, decorreram-se 44 anos. Nesse período, que abrange mais de quatro décadas, diversos discos de música sertaneja foram gravados, enquanto Sérgio Reis, ao longo de 12 anos de carreira, iniciada em 1961, dedicou-se inicialmente ao estilo Jovem Guarda, tornando-se um dos representantes da juventude do movimento iê-iê-iê, até 1973, quando gravou a canção *O Menino da Porteira*.

A gênese do primeiro disco sertanejo remonta ao sertão. O grupo que compunha a Turma Caipira, no qual surgiu a primeira dupla caipira, Mariano e Caçula, já expressava e difundia a cultura musical sertaneja de origem rural. Em contrapartida, Sérgio Reis representava, até então, uma estética musical de matriz urbana.

Este trabalho tem como objetivo apresentar o disco que contém a primeira música sertaneja registrada em gravação, intitulada *Jorginho do Sertão* — uma obra de grande relevância para a memória musical brasileira, em especial para a cultura sertaneja.

Sucesso era seu desejo... da Jovem Guarda ao sertanejo Sérgio Reis e a Cultura Midiática da Música Sertaneja

Aparecido Donizeti Rodrigues (Zé Renato)

Bárbara Heller

Heloísa Duarte Valente



Figura 2 – Foto do primeiro disco sertanejo -1929
Fontes: Arquivo particular do autor

Título: Jorginho do Sertão

Autor: Cornélio Pires

Ritmo: Moda de Viola

Composta em: 1929

_119

NARRATIO
Nº 2 • Vol. 5 • 2025

Ajudai meu companheiro, ai, ai, ai, ai
No meio desse salão, ai, ai, ai, ai
Que nós dois cantando junto
Faiz chorar dois coração

O Jorginho do sertão
Rapaizinho inteligente
Ni uma carpa de café
Ele enjeitô três casamento

Ele acabô seu serviço
Tão alegre tão contente
Ei dizer pro seu patrão
Quero a minha conta corrente

Sucesso era seu
desejo... da Jovem
Guarda ao sertanejo
Sérgio Reis e a
Cultura Midiática da
Música Sertaneja

Aparecido Donizeti
Rodrigues (Zé Renato)

Bárbara Heller

Heloísa Duarte Valente

Jorge a conta eu não lhe dô
Pro vosso consentimento
Tenho três filha sorteira
E hoje ofereço em casamento

Logo veio a mais velha
Por ser a mais interesseira
Jorginho case comigo
Que eu sô a mais trabalhadeira

Logo veio a do meio
Cheia de top de fita
Jorginho case comigo
Que das três sou a mais bonita

Logo veio a mais nova
Vestidinho amarelo
Jorginho case comigo
Que das três sou a flor da terra

O Jorginho do sertão
É rapaiz de pouca lua
Não posso casar com as três
Ai eu não caso com nenhuma

Na hora da despedida, ai, ai, ai, ai
É que a moreninha chora, ai, ai, ai, ai

Jorge atava o seu cavalo
Enciô na mesma hora
Ei dizer pra morenada
Ai adeus que já vô me embora

Ao analisarmos a primeira música sertaneja gravada no Brasil, observamos que o ritmo predominante era a moda de viola. A letra apresenta uma narrativa baseada em uma lenda, ou possivelmente em um fato verídico, sobre um jovem que, durante uma empreitada de trabalho braçal, deparou-se com uma situação inusitada: o pai de três moças ofereceu-as em casamento como forma de pagamento pelos serviços prestados. As jovens demonstraram interesse no rapaz, identificado como Jorginho; no entanto, ele optou por não se casar com nenhuma delas, uma vez que não poderia desposar as três simultaneamente. A canção contém inúmeros desvios gramaticais e vocabulário típico do homem do campo, o que reflete traços linguísticos regionais e populares característicos da época.

Muito já se discutiu sobre a história da música caipira no Brasil. No entanto, para contextualizar a questão que motivou esta pesquisa sobre a trajetória do cantor Sérgio Reis e a cultura midiática da música sertaneja, é relevante mencionar brevemente a introdução da viola no Brasil e o registro da primeira “moda” gravada por uma dupla sertaneja. Isso porque, na cultura do homem do sertão, especialmente no contexto da música de raiz, utilizava-se o termo moda em substituição a música.

A viola, instrumento derivado do alaúde e originário do Oriente Médio, chegou ao Brasil como resultado dos processos de colonização e mestiçagem cultural. Conforme explica Ivan Vilela em sua obra *Cantando a Própria História: Música Caipira e Enraizamento*, esse instrumento passou a desempenhar papel central na formação da identidade musical caipira:

Quando os árabes chegaram à península ibérica, no ano de 722, os instrumentos de cordas dedilhadas presente na península eram as harpas celtas e as cítaras Greco-romanas. O oud, também conhecido por alaúde árabe, foi o primeiro instrumento de cordas dedilhadas com braço no qual as notas podiam ser modificadas que chegou à Europa (Vilela, 2013, p.33).

De acordo com o autor, a viola preserva as mesmas características do instrumento de sua origem: “Curioso observarmos que a viola mantém como característica básica de seu velho ancestral as cinco ordens de cordas” (Vilela,

2013). O autor afirma ainda que, inicialmente, o alaúde foi introduzido em diversos países da Europa, especialmente em Lisboa, Portugal, e na Andaluzia, Espanha, passando por diversas transformações até dar origem à viola. Séculos depois, em 1500, o instrumento chegou ao Brasil na expedição de Pedro Álvares Cabral. Essa perspectiva é corroborada pela obra “Música Caipira”, do autor José Hamilton Ribeiro:

A origem da música caipira é a origem do Brasil. Ao conteúdo português, que vinha na letra e na viola, os índios acrescentaram sua alegria, seu gosto pela dança, o jeito de bater os pés e as mãos – o que vai de pronto redundar na catira, que é o primeiro dos gêneros da música caipira (Ribeiro, 2006, p.16).

Como podemos observar, a viola chegou ao Brasil em 1500. No entanto, por ter sido um instrumento amplamente adotado pelo homem do sertão, não foi bem aceita pelas classes urbanas. O preconceito relacionado a esse instrumento está, em parte, associado à obra *Urupês*, de Monteiro Lobato, na qual o autor contribui para a construção de uma imagem depreciativa do homem sertanejo, representado pelo personagem “Jeca” como alguém inculto e preguiçoso.

Em contrapartida, o escritor Cornélio Pires utilizou sua poesia para combater esse estigma e valorizar a cultura caipira. Ainda assim, devido a esse preconceito, as elites urbanas sentiam vergonha de cantar ou mesmo de ouvir músicas associadas à cultura do homem campo.

Apesar desse cenário, o cantor Sérgio Reis, em busca de reconhecimento, decidiu, em 1973, dedicar-se à música sertaneja, uma vez que, há quatro anos, suas canções não figuravam nas paradas de sucesso da Jovem Guarda. O próprio artista relatou:

A música sertaneja – aconteceu por acaso. Eu tinha um passado ligado à Jovem Guarda. Neste tempo, todos os artistas gravavam minhas músicas. Depois foi ficando difícil de fazer sucesso. Eu queria viver como profissional, não iria viver de outra coisa. Fiquei quase quatro anos sem nenhuma música na parada. Foi duro. Depois que fiz sucesso com uma música sertaneja, passei a me interessar pelo gênero. O

peçoal me aceitou bem, porque eles normalmente são muito fechados (Almeida, 1981, p.8).

É o que confirma no relato da entrevista⁴ concedida pela atriz Maria José Franco, que participou da primeira versão do filme *O Menino da Porteira*, ano de 1976, com o Sérgio Reis, quando aos 04'07" ela diz: "A música daquela época do estilo Jovem Guarda já estava acalmando. Já estava abaixando suas asas. Então com a música *O Menino da Porteira*, ele teve um leque maior. Foi ali que nasceu o Sérgio" (Franco, 2024).

Apesar de ter se tornado mais conhecido com a música "Coração de Papel", em 1966, e posteriormente com "*O Menino da Gaita*", em 1972, o cantor iniciou sua carreira fonográfica anteriormente, mais precisamente em 1961, com sua primeira gravação oficial. Trata-se de um compacto simples, formato comum à época, contendo duas faixas musicais em 78 rpm, lançado pela gravadora Continental. As canções presentes nesse disco foram "Enganadora" e "Será". No entanto, por ter sido o sucesso responsável por consagrar Sérgio Reis junto ao público da Jovem Guarda, a canção *Coração de Papel*, presente em seu registro fonográfico mais antigo, um compacto duplo com quatro faixas, ainda disponível para venda em lojas especializadas em discos de época, será o ponto de partida de nossa análise.

O coração de papel nasceu na cidade: mas pulsou no sertão buscando popularidade



4 Esta, como as demais entrevistas, foram aprovadas pela Plataforma Brasil, junto ao Comitê de Ética do UNIP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILl7RnsA7Ow&t=174s>

Figura 3 – Foto da capa do disco -1966 e da capa do disco -1973
Fontes: Arquivo particular do autor

O cantor Sérgio Reis, nascido no bairro de Santana, na capital paulista, iniciou sua carreira musical na Jovem Guarda, mesmo sem qualquer vínculo com a vida no campo. Seu primeiro disco foi lançado em 1961, mas apenas em 1966 conseguiu emplacar sua primeira canção de destaque no mercado fonográfico, com a gravação de *Coração de Papel*. Portanto, cinco anos se passaram até que conquistasse reconhecimento.

Em 1973, o então cantor de rock decidiu migrar para o gênero sertanejo, buscando destacar-se por meio da poética musical que caracteriza a cultura do homem do sertão. Os sete anos em que a canção *Coração de Papel* permaneceu vinculada ao movimento *iê-iê-iê* não foram suficientes para impedir que o coração de Sérgio Reis passasse a pulsar no compasso do sertão.

É o que afirma o escritor, pesquisador da música de raiz, violeiro e professor doutor Ivan Vilela, em entrevista na qual lhe pergunto se a transição de Sérgio Reis da Jovem Guarda para o sertanejo o credencia como defensor da música sertaneja. Aos 08'32" da entrevista, ele responde:

Agora, quando você perguntou da música raiz. Da música raiz não. E talvez, não defensor da música sertaneja, mas talvez representantes dessa facção mais comercial da música sertaneja (Vilela, 2024).

Em seu relato, Vilela demonstra que Sérgio Reis migrou para o gênero musical sertanejo com o propósito evidente de alcançar maior projeção artística e reconhecimento nacional. Essa mudança de estilo, no entanto, não se deu por uma identificação genuína com os valores ou tradições do sertanejo raiz, mas sim por uma escolha estratégica voltada ao êxito comercial. Dessa forma, embora tenha se consolidado como um nome de destaque dentro do gênero, não se pode afirmar que Sérgio Reis seja, de fato, um defensor autêntico da música sertaneja em sua essência mais tradicional.

A distinção entre “representar” e “defender” torna-se fundamental para a compreensão crítica do papel que ele desempenha no cenário musical brasi-

leiro. Enquanto a representação diz respeito à presença e à visibilidade pública dentro de um determinado estilo, a defesa implica compromisso com os valores culturais, históricos e estéticos do gênero em questão. Nesse sentido, Reis figura como um representante da música sertaneja, mas sua trajetória artística não revela engajamento efetivo com a preservação ou valorização das raízes do sertanejo autêntico.

Portanto, a análise de Vilela permite compreender que a adesão de Sérgio Reis ao sertanejo se deu mais por conveniência do que por convicção, o que compromete seu reconhecimento como um verdadeiro defensor desse gênero musical tão significativo para a identidade cultural do Brasil.

Análise do álbum Coração de Papel



Figura 4 – Foto da capa e contracapa do disco -1966
Fontes: Arquivo particular do autor

Propomos uma análise da capa, contracapa e das quatro faixas musicais do disco em formato compacto do cantor Sérgio Reis, intitulado “Coração de Papel”. Lançado em 1966, esse álbum foi responsável por projetar o artista nacionalmente durante o movimento da Jovem Guarda, especialmente por meio da canção que dá nome ao disco.

Nosso objetivo é investigar se os elementos visuais (capa e contracapa), a poética das letras e o ritmo das composições já apresentavam traços associados ao gênero musical sertanejo, que viria a marcar a carreira de Sérgio Reis posteriormente. Por meio dessa análise, pretendemos compreender os indí-

cios estéticos e musicais que possam ter influenciado a transição do artista para o universo sertanejo, buscando entender as motivações que o levaram a optar por esse gênero.

Análise da capa

A capa do disco gravado em 1966, lançado pela gravadora Odeon – nº 7 BD 1121 –, corresponde ao primeiro álbum a ser analisado neste estudo e integra o meu acervo pessoal. Trata-se de um compacto duplo, como era denominado na época, contendo quatro faixas musicais. Esse disco consagrou o cantor Sérgio Reis em sua trajetória na Jovem Guarda, especialmente com a canção “Coração de Papel”. Assim, serão analisadas as faixas “Coração de Papel”, “Qual a Razão?”, “Fim de Sonho” e “Nuvem Branquinha”, todas de autoria de Sérgio Reis.

Na imagem da capa, observa-se o cantor vestindo uma jaqueta de couro, cuja postura remete à figura de um roqueiro. A fotografia, enquadrada em plano médio — ou seja, da cintura para cima —, retrata Sérgio Reis com o olhar fixo, transmitindo convicção e buscando atrair o público-alvo. O cabelo, curto, está penteado lateralmente. Apesar de a imagem ser em preto e branco, sua estética remete à figura de Elvis Presley na década de 1960.

Análise da contracapa

Na contracapa, observa-se que o nome do cantor Sérgio Reis sequer é mencionado. Nota-se que a gravadora utiliza esse espaço como um painel de divulgação de seus produtos fonográficos, promovendo outros artistas. A lista tem início com cantores brasileiros, como Altemar Dutra, Eduardo Araújo e João Dias, e prossegue com intérpretes de nomes estrangeiros ou americanizados — The Beatles, Lucho Gatica, Matt Monro, Pino Donaggio, Franck Pourcel e Richard Anthony. Há uma ênfase mais evidente nas divulgações de obras de Altemar Dutra, cujo nome aparece associado a duas composições, e do grupo The Beatles, com cinco faixas destacadas.

Sucesso era seu
desejo... da Jovem
Guarda ao sertanejo
Sérgio Reis e a
Cultura Midiática da
Música Sertaneja

Aparecido Donizeti
Rodrigues (Zé Renato)

Bárbara Heller

Heloísa Duarte Valente

Análise do repertório

CORAÇÃO DE PAPEL

Título: Coração de Papel

Autor: Sérgio Reis

Ritmo: Rock and roll

Composta em: 1966

Se você pensa
Que meu coração é de papel
Não vá pensando, pois não é
Ele é igualzinho ao seu
E sofre como eu
Pra que fazer chorar assim
A quem te ama

Se você pensa
Em fazer chorar a quem lhe quer
A quem só pensa em você
Um dia sentirá
Que amar é bom demais
Não jogue amor ao léu
Meu coração que não é de papel

Porque fazer sofrer
Porque fazer chorar
Um coração que só lhe quer
O amor é lindo
eu sei
E todo eu lhe dei
Você não quis jogou ao léu
Meu coração que não é de papel

A canção *Coração de Papel*, com duração de 3 minutos e 5 segundos, embora integre meu acervo pessoal, não pode ser reproduzida por mim em formato long-play, uma vez que não disponho de aparelho compatível. No entanto, foi possível escutá-la por meio do site IMMUB – Instituto Memória Musical Brasileira (catálogo 529010-2)⁵.

O ritmo é caracterizado como rock and roll, com influência marcante do estilo iê-iê-iê. A parte instrumental destaca-se pela presença expressiva da guitarra; contudo, o contrabaixo e a percussão, sempre presentes, são os elementos que predominam na condução rítmica. Observa-se, ainda, a presença de numerosos vocais de apoio (*backing vocals*), que enriquecem a textura sonora da composição.

A letra possui um caráter romântico e melancólico. Na interpretação, Sérgio Reis empenha-se em transmitir a carga emocional da canção por meio de sua voz melodiosa. A poética remete à perda de um amor querido, e o eu lírico, imerso no imaginário, projeta a esperança de que, um dia, a amada venha a se arrepender por ter desprezado um grande amor e dilacerado seu coração.

QUAL A RAZÃO?

Título: Qual a Razão?

Autor: Sérgio Reis

Ritmo: Jovem guarda

Composta em: 1966

Qual a razão do nosso amor chegar ao fim
Se culpado sou, meu Deus, o que será de mim
Ao saber que já não vou ter mais
Teu rostinho coladinho ao meu
E o carinho que você me deu,
Nunca mais vou encontrar

Eu não posso nem pensar que sou

5 IMMUB – (Instituto Memória Brasileira). Disponível em: https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS

Bem capaz de um dia te perder
Mas se um dia isto acontecer,
Eu sei que vou chorar, vou sofrer por você

A canção “Qual a Razão?”, com duração de 2’50”, pertence ao ritmo da Jovem Guarda, movimento musical fortemente influenciado pelo rock and roll. Trata-se de uma composição de ritmo acelerado, apesar de apresentar uma letra de caráter romântico. A temática, de tom melancólico, aborda a perda de um amor, e a poética da letra explora, de forma imaginativa, como o protagonista lidará com a vida após essa ruptura afetiva.

Destacam-se, nos arranjos musicais, os solos de guitarra, enquanto o violão cumpre a função de base harmônica, acompanhado pelo contrabaixo e pela percussão. Nota-se, ainda, que a interpretação vocal do cantor Sérgio Reis é melodiosa, com entonação precisa e bem colocada, conferindo maior expressividade à obra.

FIM DE SONHO

Título: Fim de Sonho

Autor: Sérgio Reis

Ritmo: Balada

Composta em: 1955

É mais um sonho que chegou ao fim
Mais um amor que terminou
Eu procurando um grande amor
Então mas estou só quanta solidão

E agora assim sem o teu amor
Vivo a soluçar e a esperar
E esta solidão a me atormentar
E o meu coração sempre a chorar

A música “Fim de Sonho”, com duração de 2’45”, apresenta um ritmo de balada, característico do estilo musical da Jovem Guarda e frequentemente adotado por intérpretes românticos. A letra possui um caráter romântico e nostálgico, cuja poética aborda a profunda solidão vivenciada pelo eu lírico diante do término de um grande amor.

A canção inicia-se com a participação de *backing vocals*, e o saxofone, instrumento de sopro, destaca-se como elemento predominante nos arranjos. Também é possível identificar a presença da guitarra, do violão, do contrabaixo e da percussão, que contribuem para a construção da atmosfera melódica.

Em relação à performance vocal, nota-se a boa postura técnica do intérprete, bem como sua afinação e a expressiva interpretação de Sérgio Reis, que conferem emoção e autenticidade à canção.

NUVEM BRANQUINHA

Título: Nuvem Branquinha

Autor: Sérgio Reis

Ritmo: Balada Lenta

Composta em: 1966

Nunca vi céu tão lindo assim, você junto a mim
Triste a me olhar como em sonho
Vou no céu buscar uma linda estrela
Para te ofertar
E uma nuvem branquinha pra você descansar
E amanhã quando o sol surgir e você sorrir ao amanhecer
Sentirás que és feliz então, que o meu coração
Não vai te esquecer
E uma nuvem branquinha pra você descansar
E amanhã quando o sol surgir e você sorrir ao amanhecer
Sentirás que és feliz então que o meu coração
Não vai te esquecer
Até morrer

A canção “Nuvem Branquinha”, com duração de 2’55”, apresenta uma letra de caráter romântico, na qual o eu lírico expressa felicidade ao lado de sua amada. Na poesia musical, ele idealiza um lugar imaginário, semelhante a um paraíso, onde sua companheira possa repousar em tranquilidade. Observa-se que a letra não faz referência a um paraíso sertanejo, tampouco dialoga com os elementos típicos da poesia rural presentes na música sertaneja tradicional.

É evidente que Sérgio Reis, ao compor a canção, não se inspirou no universo rural, o que pode ser atribuído ao fato de ter nascido e sido criado em ambiente urbano. O ritmo da música configura-se como uma balada lenta, com influências marcantes do estilo da Jovem Guarda. Os *backing vocals* estão presentes, assim como os arranjos de piano e guitarra, com o violão servindo como base harmônica. Também se destaca a presença do contrabaixo e da percussão.

Análise do álbum *O Menino da Gaita*



Figura 5 – Foto da capa e contracapa do disco -1972
Fontes: Arquivo particular do autor

Este trabalho realiza uma análise crítica da capa, contracapa e das duas faixas musicais do disco em formato compacto do cantor Sérgio Reis, intitulado “O Menino da Gaita”, lançado em 1972. Tal obra assume relevância por anteceder a transição do artista do movimento da Jovem Guarda para o universo da música sertaneja, tornando-se um marco simbólico no percurso artístico do cantor.

O objetivo central da pesquisa é examinar em que medida os elementos visuais (capa e contracapa), a construção lírica das letras e os aspectos rítmicos das composições já apresentavam indícios de aproximação com o gênero sertanejo, que viria a consolidar a identidade musical de Sérgio Reis a partir de meados da década de 1970. Ressalta-se que, no ano seguinte ao lançamento do disco em 1973, o artista grava “O Menino da Porteira”, canção que representa um ponto de inflexão em sua carreira, marcando sua inserção definitiva na música sertaneja.

A partir dessa análise, pretende-se compreender os sinais estéticos e musicais presentes nesse álbum de transição, buscando identificar fatores que possam ter influenciado a mudança de orientação estilística do cantor. Além disso, a investigação procura lançar luz sobre as motivações culturais, artísticas e mercadológicas que possam ter contribuído para a adoção do sertanejo como linguagem predominante em sua produção posterior.

Análise da capa

A arte da capa e da contracapa do disco, lançado em formato compacto simples no ano de 1972 pela gravadora RCA Victor – sob o número de catálogo 101.0116 –, não apresenta distinções visuais entre si. Apenas algumas informações adicionais são inseridas na contracapa. A imagem utilizada é idêntica em ambas as faces: Sérgio Reis aparece posando, com o olhar direcionado ao longe, fixo no menino que toca uma gaita. Essa composição fotográfica sugere um momento de contemplação e admiração por parte do artista, diante da destreza musical demonstrada pela criança.

O cantor ostenta cabelos compridos e traja uma camisa florida, cuja estampa remete diretamente à estética da Jovem Guarda, movimento cultural popular na época. Embora esteja sentado na fotografia, é possível notar, através das bordas da calça, que se trata de uma peça no estilo “boca de sino”, também característica marcante daquela vertente musical. Desse modo, observa-se que os elementos visuais presentes no vestuário de Sérgio Reis destoam completamente da iconografia tradicionalmente associada ao universo da música sertaneja.

Análise da contracapa

Na contracapa, observa-se a repetição da mesma imagem utilizada na capa do álbum. Contudo, na margem esquerda, as informações técnicas são dispostas verticalmente, com o uso de letras minúsculas, coordenação artística a cargo de Tonny Campelo e arranjos assinados por Elcio Álvares. Já na parte inferior da contracapa, os créditos são apresentados em linhas horizontais e grafados em letras maiúsculas — COORDENAÇÃO GERAL: OSMAR ZANDOMENIGUI – LAY-OUT-101.0116 – DISCO É CULTURA.

Percebe-se que Tony Campelo exerceu papel recorrente e significativo ao longo de sua trajetória musical. Atuando como produtor artístico na gravadora RCA Victor, destacou-se por sua visão estratégica, sendo uma figura determinante na transição de Sérgio Reis do estilo Jovem Guarda para o universo da música sertaneja.

Análise do repertório

O MENINO DA GAITA

Título: *O Menino da Gaita*

Autor: Fernando Arbex/ *versão em português:* Sérgio Reis

Ritmo: Rock Pop

Composta em: 1971 – *versão em* 1972

Era um rapaz
Olhos claros bem azuis
Andava só
Com uma gaita em sua mão
Ouça sua linda canção
Olhos tristes no chão
E caminha sozinho
Ouça lá vai ele a tocar
Notas tristes no ar
É assim que pede amor

Caminha só
Ninguém sabe de onde vem
Triste a tocar
Pela rua sem ninguém
Sente que uma lágrima vem
O seu rosto molhar
Como a chuva que cai
Ouça lá vai ele a tocar
Notas tristes no ar
É assim que pede amor
Toca, toca só pra mim
Ouça sua linda canção
Olhos tristes no chão
E caminha sozinho
Ouça lá vai ele a tocar
Notas tristes no ar
É assim que pede amor
Toca, toca só pra mim

A canção “O Menino da Gaita”, com duração de 4’13”, foi lançada pela gravadora RCA Victor em 1972, em um disco compacto simples (Nº 201.0116). Trata-se de um rock pop de caráter melancólico. A música tem início com o som de um violão base, sem solos instrumentais, ao qual se sobrepõe a voz de Sérgio Reis. Aos 1’5”, um solo de piano surge de forma suave, acompanhado, de maneira sutil, por um som de guitarra. O contrabaixo e a percussão permanecem marcantes ao longo de toda a faixa.

Aos 1’50”, os *backing vocals* são introduzidos. Já aos 2’10”, os arranjos de gaita ganham evidência, conferindo à música um requinte que dialoga com o lirismo da letra. Aos 2’30”, os vocais de apoio tornam-se mais expressivos, assumindo um tom de maior intensidade. É possível notar, inclusive, a proeminência da voz de Sérgio Reis no coro, possivelmente com o intuito de valorizar a mensagem contida na letra, originalmente composta pelo espanhol Fernando Arbex, em 1971⁶, sob o título *El Chico de la*

6 Música El Chico De La Armónica – Discogs. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/3679185-Micky-El-Chico-De-La-Arm%C3%B3nica?srsltid=AfmBOopjGshiZePgurazeNdGJQsl7L-9ZXwE3tgg3Bq2q1Q3umkbXnrOZ>

Armónica. No ano seguinte, Sérgio Reis realizou a versão em português e procedeu com sua gravação.

Não foram encontradas publicações que confirmem se a letra possui inspiração em fatos reais ou se se trata de uma composição fictícia, como ocorre com a lendária “O Menino da Porteira”. Sabe-se, contudo, que a poética da canção é profundamente melancólica, e que diversos intérpretes apostaram nessa obra, a qual conquistou o público da Jovem Guarda, conhecido por sua apreciação por versões de músicas estrangeiras.

EU TIVE MEDO

Título: *Eu Tive Medo*

Autor: Sérgio Reis

Ritmo: Pop Romântico

Composta em: 1972

Eu tive medo, eu tive medo
Tive medo de errar, pressenti
Que aquela hora não pude ficar
Eu tive que ir embora
Sei que fui covarde pra continuar
Eu lhe confesso, eu tive medo
Eu tentei lhe conquistar
Esperei chegar a hora
E naquele instante joguei tudo fora
Sei que fui covarde pra continuar
Eu fui embora você vem charmosa
Me fazer visita
Se você me evita de uma outra forma
Eu vou lhe conquistar
Mas se você chega e me perdoa
Tudo, como é que fica
Meu coração grita sem o seu amor
Não posso mais ficar

Eu lhe confesso, eu tive medo
Eu lhe confesso, eu tive medo
Agora eu sei, eu tenho medo
Eu tive medo, eu tive medo

A canção “Eu Tive Medo”, com duração de 2’20”, é classificada como um pop romântico com influências do rock and roll. Na construção poética da letra, Sérgio Reis reconhece ter agido com covardia ao insistir para que a mulher amada permanecesse ao seu lado. Contudo, o relacionamento conturbado chega ao fim.

Em uma visita posterior, ela reaparece de forma charmosa e sedutora, o que intensifica ainda mais o fascínio que ele sente por ela. Tomado por uma paixão intensa, o eu lírico afirma que tentará reconquistá-la de alguma outra maneira, uma vez que seu coração não suporta a ausência desse amor.

Entre os instrumentos que se destacam na composição, encontram-se o saxofone, a guitarra, o violão, o contrabaixo e a percussão. Ambas as músicas — “O Menino da Gaita” e “Eu Tive Medo” — foram acessadas por meio de canais disponíveis na plataforma YouTube: “O Menino da Gaita”, canal Osmar Zan⁷; e “Eu Tive Medo”, canal Brazil In Sound⁸.

7 Canal YouTube – Osmar Zan. O Menino da Gaita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dElyZFLcehg>

8 Canal YouTube – Brazil In Sound. Eu Tive Medo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gurQYnTIOFA>

O Rapaz apostou nos dois meninos: *O Menino da Porteira e O Menino da Gaita*



Figura 6 – Foto da capa e contracapa do disco -1973
Fontes: Arquivo particular do autor

A presente análise tem início na observação da capa e contracapa do álbum lançado em 1973, momento emblemático em que se dá sua inserção definitiva na música sertaneja. É relevante refletir sobre a escolha do título do álbum: por que “*O Menino da Gaita*” e não “*O Menino da Porteira*”, considerando que o artista estava em transição para o gênero sertanejo? Seria essa uma aposta estratégica, baseada em qual título teria maior apelo comercial ou potencial de sucesso?

As análises contemplarão aspectos visuais, como a iconografia e a composição gráfica da capa e contracapa, bem como elementos sonoros e textuais presentes na letra, no ritmo e no arranjo musical do referido álbum. A música “*O Menino da Porteira*” será objeto de estudo específico, uma vez que se tornou um dos marcos da nova fase artística de Sérgio Reis. A canção evoca imagens do universo rural, utilizando-se de uma narrativa melodramática e nostálgica que se alinha à estética sertaneja tradicional, contribuindo para o reposicionamento do cantor junto ao público. Pretende-se compreender de que modo se articulam os elementos da cultura musical da Jovem Guarda com as estratégias de legitimação empregadas pela indústria fonográfica, visando ao seu engajamento no gênero musical sertanejo.

Análise da capa

As análises da capa do disco, constata-se um elemento bastante evidente:

Sérgio Reis aposta na canção *O Menino da Gaita*, seu sucesso no ano anterior. Provavelmente em consonância com a produção artística da gravadora RCA Victor, essa música acabou dando nome ao álbum. Mais do que um simples título, a capa traz, acima da legenda *O Menino da Gaita*, a palavra “Incluindo”, sugerindo uma estratégia clara de atrair o público que o acompanhava desde o movimento da Jovem Guarda, ao qual esteve vinculado por 12 anos.

Na fotografia da capa, o cantor aparece em um plano médio curto, vestindo uma camisa de listras amarelas e brancas sobre um fundo marrom. Ostenta cabelos longos, característicos da estética juvenil da época da Jovem Guarda, e, no pulso esquerdo, exibe um relógio.

O Long-play, de catálogo Nº 203.0074, foi gravado no ano de 1973 pela RCA Victor e contém 12 faixas musicais. A canção *O Menino da Porteira* ocupa a primeira faixa do lado B. Composta em 1955 por Teddy Vieira e Luís Raimundo, a música já havia sido gravada anteriormente pela dupla Luizinho e Limeira, um dos compositores da música. Luizinho que formava dupla com o seu irmão Limeira. A dupla Tônico e Tinoco, também, gravou *O Menino da Porteira* em 1973, no estilo bem raiz. Com o sotaque bem sertanejo, estilo que a dupla permaneceu durante toda a carreira. Mas era o momento da gravadora RCA, investir no cantor Sérgio Reis, com a música lendária *O Menino da Porteira*. Conforme relata Murilo Carvalho, autor da obra biográfica de Sérgio Reis, intitulado *Uma Vida, Um Talento*:

Era o momento, então, de dar um salto definitivo: gravar um LP. A Victor, apesar de ainda não acreditar muito na nova face sertaneja de Sérgio Reis, acabou lançando um disco em que o repertório mesclava *O Menino da Porteira* com músicas de caráter ainda urbano, sendo muitas composições do próprio Sérgio Reis (CARVALHO, 2018, p. 72).

Fica claro que, à princípio, a gravadora ainda demonstrava certo ceticismo em relação à transição do artista para o estilo sertanejo. É evidente que a adaptação de um cantor como Sérgio Reis, nascido na capital paulista e cuja infância e juventude se desenvolveram em um contexto urbano, à cultura do homem do campo não se configura como um processo simples. Inicialmente inserido no universo musical da Jovem Guarda, movimento fortemente en-

raizado na sociedade urbana, sua transição para o gênero musical característico do sertão brasileiro representa um deslocamento cultural significativo.

No livro, o autor também discorre sobre a trajetória de Sérgio Reis durante o período em que integrou o movimento da Jovem Guarda, explicando aspectos relevantes de sua convivência e atuação nesse contexto musical:

A decisão de enveredar de vez para o universo da música caipira não foi fácil. Sérgio já era conhecido na Jovem Guarda, tinha um público fiel, era bom compositor e sua voz melodiosa agradava o público adolescente. Convivia com todo o grupo – Os Vips, The Jet Blacks, Ronnie Von, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Celli Campello (CARVALHO, 2018 p. 71).

Conforme constatamos em nossos estudos, o cantor protagonizou uma ousada trajetória ao migrar de sua cultura musical original para o gênero sertanejo. Tal transição representava um afastamento significativo do meio em que vivia, o qual pouco ou nada tinha em comum com as expressões musicais do campo. Sua escolha não refletia os gostos predominantes da classe urbana. No entanto, no livro *Música Caipira*, José Hamilton Ribeiro inclui, entre as 150 melhores modas de todos os tempos, a versão da canção “*O Menino da Porteira*”, interpretada pelo cantor Sérgio Reis:

Com letra e música bem raiz (fora uma escorregada no verso do boi sem coração...), encabeça a maioria das seleções da música caipira. A gravação de Sérgio Reis tornou-a bem conhecida, a ponto de muito cantador já estar “enjoado” de tanto que pedem (RIBEIRO, 2006 p. 77).

Apesar de o autor mencionar o sucesso da música *O Menino da Porteira*, na interpretação de Sérgio Reis, ele não se aprofunda nos detalhes performativos presentes nas imagens das capas dos discos do cantor. Diante disso, propomos uma análise da capa e contracapa do álbum lançado em 1973, cuja principal aposta era a canção *O Menino da Porteira*, de ritmo sertanejo e cururu. Observamos, nessa capa, que Sérgio Reis ainda aparece sem o chapéu, elemento posteriormente marcante na estética do sertanejo.

Análise da contracapa

Ao analisarmos a contracapa do disco, constatamos que Sérgio Reis aparece na fotografia em plano geral. Ele exibe cabelos longos, conforme a moda vigente nos tempos da Jovem Guarda. Veste uma camisa de mangas curtas, estampada com flores nas cores amarela, preta e marrom, além de uma calça branca no estilo boca de sino, também característica daquele período. Os calçados não são visíveis, pois o cantor está sentado sob uma árvore, com os pés encobertos pelo capim.

A postura de Sérgio Reis sugere que, naquele momento, ele ainda não havia assumido plenamente a identidade musical sertaneja. Sua aparência indica, na verdade, uma fase de experimentação, em que buscava verificar se a música sertaneja seria o caminho mais promissor para sua carreira.

Apesar de estar em contato com a natureza, nota-se, por meio das vestimentas, do penteado e, principalmente, pela ausência do chapéu — acessório tradicionalmente associado ao homem do campo —, que ele ainda não incorporava integralmente a estética típica dos intérpretes da música sertaneja daquela época.

O MENINO DA PORTEIRA (TEDDY VIEIRA/ LUISINHO, 1955)

Título: *O Menino da Porteira*

Autores: Teddy Vieira/ Luisinho

Ritmo: Cururu

Composta em: 1955

Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino
De longe eu avistava a figura de um menino
Que corria abrir a porteira e depois vinha me pedindo
Toque o berrante, seu moço, que é pra eu ficar ouvindo
Quando a boiada passava e a poeira ia baixando
Eu jogava uma moeda e ele saía pulando
Obrigado, boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando
Pra aquele sertão afora meu berrante ia tocando

No caminho desta vida muito espinho eu encontrei
Mas nenhum calou mais fundo do que isto que eu passei
Na minha viagem de volta qualquer coisa eu cisme
Vendo a porteira fechada, o menino não avistei
Apeei do meu cavalo num ranchinho beira-chão
Vi uma mulher chorando, quis saber qual a razão
Boiadeiro veio tarde, veja a cruz no estradão
Quem matou o meu filhinho foi um boi sem coração

Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado selvagem
Quando passo na porteira até vejo a sua imagem
O seu rangido tão triste mais parece uma mensagem
Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem
A cruzinha do estradão do pensamento não sai
Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais
Nem que o meu gado estoure, que eu precise ir atrás
Neste pedaço de chão berrante eu não toco mais

A canção, considerada um clássico da música sertaneja, conquistou ampla popularidade nas rádios desde seu lançamento. Sua primeira adaptação cinematográfica, realizada vinte anos depois, obteve êxito semelhante nas telas. Como não foi possível localizar informações sobre a bilheteria no acervo da Cinemateca Brasileira, recorreremos ao site extra.globo.com, portal digital do jornal Extra, por se tratar de uma fonte reconhecida por sua credibilidade.

Ao consultarmos o referido site, identificamos, na matéria assinada por Christina Fuscaldo, que a primeira versão do filme *O Menino da Porteira* atraiu aproximadamente quatro milhões⁹ de espectadores. Contudo, segundo a autora, estimativas extraoficiais apontam que esse número pode ter alcançado até sete milhões.

Nossa pesquisa evidencia que o cantor Sérgio Reis procurou apoiar-se no êxito da canção como estratégia para consolidar sua carreira musical, inserindo-se no universo simbólico da cultura do homem do campo. O próprio artista relata que, ainda durante sua participação no movimento da Jovem

9 Jornal Extra . Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/remake-de-menino-da-porteira-entra-na-corrida-para-ultrapassar-bilheteria-do-filme-original-34-maior-do-brasil-246122.html>

Guarda, anos antes, percebeu, ao realizar um show, que o caminho para seu sucesso estaria vinculado à interpretação de *O Menino da Porteira*:

Eu havia terminado um show em Tupiciguara, cidade mineira, e me pediram para cantar 'Menino da Porteira'. Que eu não sabia. E foi a maior decepção. No dia seguinte, corri a uma loja de disco e aprendi a canção ali do lado da vitrola, escrevendo a letra num papel. Quando voltei a São Paulo, gravei a música. O maior sucesso (Almeida, 1981, p.8).

De fato, o cantor se arriscou ao interpretar canções do gênero sertanejo, uma vez que sua carreira, até então, estava mais associada à Jovem Guarda, movimento musical que já se encontrava em declínio. Essa conjuntura é evidenciada por Sérgio Reis ao afirmar: “Eu queria viver como profissional, não iria viver de outra coisa. Fiquei quase quatro anos sem nenhuma música na parada. Foi duro” (*apud* Almeida, 1981, p. 8). Essa afirmação é ratificada pelo depoimento concedido pela atriz Maria José Franco, participante da primeira versão cinematográfica de *O Menino da Porteira*. Aos 04’07” da entrevista, a atriz declara: “A música daquela época, no estilo Jovem Guarda, já estava se acalmando. Já estava abaixando suas asas. Então, com a música *O Menino da Porteira*, ele teve um leque maior. Foi ali que nasceu o Sérgio” (Franco, 2024).

Em outra entrevista realizada para esta pesquisa, o cineasta Clery Cunha¹⁰ corrobora essa perspectiva ao informar que o cantor Sérgio Reis, inicialmente associado ao movimento da Jovem Guarda e sem qualquer vínculo prévio com a vida rural, nasceu em Santana, bairro da cidade de São Paulo. Sua escolha em protagonizar um filme cujo enredo se fundamenta na canção sertaneja *O Menino da Porteira* representa uma estratégia deliberada de transição e afirmação de sua nova identidade artística como intérprete da música sertaneja.

Concordando com o cineasta Clery Cunha, em nossas pesquisas encontramos uma entrevista com o cantor Sérgio Reis, disponibilizada no canal do YouTube JOVEM GUARDA 50 Anos – O FILME A SÉRIE, no qual aos 3’26” Sérgio Reis relata que era da vida urbana. Usando termo pejorativo, comenta que até então, nunca havia pisado numa”bosta de vaca”. Aos 2’42” o artista

¹⁰ Entrevista cineasta Clery Cunha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swb4f-2cl-PE&t=3s>

afirma: “Não tinha ideia de gravar mais nada sertanejo”¹¹. No entanto, devido ao grande sucesso da música *O Menino da Porteira* em todo o território nacional, Sérgio Reis acabou migrando definitivamente para o universo da música sertaneja.

Considerações finais

A trajetória artística de Sérgio Reis revela um movimento estratégico em busca da consolidação de sua carreira no cenário musical brasileiro, apoiando-se na memória da cultura musical do homem do sertão. Ao analisar sua transição da Jovem Guarda para a música sertaneja, é possível identificar uma escolha orientada primordialmente pela necessidade de alcançar maior visibilidade e aceitação popular, em um momento em que o sucesso comercial se apresentava como fator determinante para a sobrevivência artística. Diferentemente de artistas que migram de estilos motivados por afinidades estéticas ou ideológicas, no caso de Sérgio Reis, evidencia-se uma postura pragmática, na qual a adequação ao gênero sertanejo representava a oportunidade concreta de manter-se relevante frente às transformações do gosto musical da época.

Sua reconfiguração artística, ao adotar os elementos tradicionais da música sertaneja, não se deu por afinidade cultural genuína ou por um compromisso com as raízes rurais desse gênero, mas sim como um meio de se adaptar a um novo público e mercado. A mudança, portanto, não foi fruto de um processo espontâneo de maturação musical, mas uma decisão calculada para reposicionar sua imagem e conquistar um novo espaço no mercado fonográfico. Dessa forma, pode-se afirmar que o êxito comercial não apenas motivou a transição, como também se constituiu no seu objetivo final.

Assim, conclui-se que a migração de Sérgio Reis para o sertanejo foi guiada por uma única e exclusiva intenção: alcançar o sucesso. Esse movimento revela muito sobre as dinâmicas da indústria cultural brasileira, nas quais a busca pela popularidade e aceitação de massa frequentemente molda os rumos da produção artística.

11 Canal Youtube JOVEM GUARDA 50 Anos – O FILME A SÉRIE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUQNTC893eM>

REIS, Emerson. Filme - *O Menino da Porteira*: Canal YouTube – Arquivo Emerson Reis, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-QfUQkiD1RY> . Acesso em: 13 jul . 2024.

RIBEIRO, José Hamilton. *Música Sertaneja: As 270 maiores modas de todos os tempos* – São Paulo: Globo, 2006

SAUND, Brazil In. *Eu Tive Medo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gurOYnTIOFA> . Acesso em: 03 jul. 2025.

VICENTE, Eduardo. *MÚSICA E DISCO NO BRASIL: A Trajetória da Indústria nas Décadas de 80 e 90*. São Paulo - ECA – USP, Tese de Doutorado, 2002.

VILELA, Ivan. *Cantando a Própria História: Música Caipira e Enraizamento*, 2013.

VILELA, Ivan. Entrevista concedida para Zé Renato – Aprovada pela Plataforma Brasil. Entrevista realizada em 24/04/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7dss-T1JyNQ&t=257s>

ZAN, Osmar. Canal Youtube. *O Menino da Gaita*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dElyZFLcehg>